

MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

BUENO, Ivone do Nascimento Alves
RU 1723152
LOPES, Luis Fernando

RESUMO

Este é o resultado de estudo realizado a fim de apresentar ao leitor os métodos de alfabetização suas concepções e os desafios para a educação contemporânea, são empregados na educação brasileira diferentes métodos de alfabetização nas quais os resultados obtidos também se mostram de diferentes maneiras, sendo assim é importante para o profissional alfabetizador refletir sobre suas práticas educacionais levando em consideração o que o aluno já traz para escola sobre seu conhecimento de mundo e suas experiências, em que sendo explorados de forma adequadas proporcionarão uma qualidade de ensino significativo, eficaz e coerente, capaz de formar um sujeito que saiba interpretar as informações adquiridas durante seu período de aprendizado. Através dessas reflexões sobre as práticas pedagógicas o professor pode criar um ambiente de aprendizagem que adiciona o conteúdo de modo que envolva o aluno proporcionando oportunidades para construção do conhecimento preparando-os para o futuro onde se depararam com situações complexas.

Palavras-Chave: Métodos de alfabetização. Letramento. Alfabetização.

INTRODUÇÃO

Delimitou-se o tema da seguinte forma, os métodos de alfabetização/letramento suas concepções e desafios. No período da graduação estudamos diversos métodos de Alfabetização, que vão desde os métodos tradicionais, nos quais os educandos assumem um papel passivo no processo de aprendizagem, até abordagens que buscam formar o educando para ser um sujeito crítico e reflexivo, incentivando a inovação e a invenção, a partir de novas teorias educacionais.

Ao longo do tempo, a concepção tradicional se mostrou ineficaz e obsoleta na construção do conhecimento e é possível perceber que os métodos de alfabetização de um modo geral estão em processo de melhorias diante do cenário atual, pois o ato de alfabetizar de maneira reflexiva se torna cada vez mais uma necessidade. Busca-se assim, um novo olhar para a aprendizagem dos educandos no ciclo de Alfabetização.

Dessa forma, este trabalho tem como problema de pesquisa o seguinte questionamento:

Em que medida as mudanças significativas nas práticas escolares de alfabetização que ocorreram nas últimas décadas estão relacionadas com as mudanças ocorridas na sociedade, sobretudo com o advento da pandemia do Covid-19?

Analisando os desafios e possibilidades de aprendizagem de leitura e escrita, considerando a avaliação focada no desenvolvimento de cada estudante do Ensino Fundamental.

Neste estudo a alfabetização é compreendida enquanto ação libertadora na perspectiva proposta por Paulo Freire. Para Paulo Freire, é fundamental entendermos o homem como um ser de relações e [...] “não só de contatos, não só está no mundo, mas com o mundo [...]” (FREIRE, 1989 p. 39).

Autores como Kramer (2006) e Freire (2008) consideram a alfabetização não apenas como um processo de aquisição de linguagem, porém enfatizam os aspectos políticos e sociais. Para Kramer “[...] alfabetizar-se é conhecer o mundo, comunicando-se e expressando-se, alfabetizar não restringe a decodificação e à aplicação de rituais repetitivos de escrita, leitura e cálculo [...]”, (KRAMER, 2006, p. 98).

Para a autora a alfabetização vai além da participação efetiva dos sujeitos, na construção do conhecimento sobre o mundo; para um conceito mais amplo, de ensino-aprendizagem, levando em consideração os conhecimentos que cada um traz consigo no sentido social e cultural, podendo ainda criar um ambiente de aprendizagem colaborativo.

Desta maneira abrem-se possibilidades para o desenvolvimento de métodos de aprendizagem que contemplem as necessidades dos educandos, os quais precisam desenvolver suas habilidades, assim como para o advento de uma formação

voltada para o desenvolvimento do potencial criativo de trabalho com nossos educadores alfabetizadores.

A alfabetização é mais do que o simples domínio mecânico de técnicas de escrever e ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entender. É comunicar-se graficamente. (FREIRE, 1967, p.111)

Professores que já têm experiências, que trazem conhecimentos, que produzem linguagem, podem (e precisam) ter essas experiências, esses conhecimentos, essa linguagem de forma ampliadas. Estamos em um momento de transformação e adaptação nos meios educacionais, como por exemplo, com o advento da pandemia houve a urgência da aplicação do ensino remoto e a necessidade de uma nova cultura voltada para a autonomia do aluno na qual é necessária uma maior inserção tecnológica no ambiente de aprendizado, utilizando cada vez mais ferramentas tecnológicas digitais, pois as inovações acontecem rapidamente e exigem capacidade de adaptação e criatividade.

A relevância do estudo desse tema para a Pedagogia e para a prática de Alfabetização e Letramento dentro do contexto educacional se revelam como temas significativos para tais áreas do conhecimento, pois nas escolas os modelos de alfabetização e letramento ainda são feitos com assuntos relacionados ao ambiente escolar, o que torna o ensino-aprendizagem restrito, dessa forma, compreender os problemas é maneira de colaborar com o desenvolvimento de novos métodos de alfabetização. Entretanto, isso somente ocorrerá se houver discussões para que esses conhecimentos sejam debatidos e construídos com os agentes desse processo: os professores alfabetizadores

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Para Justino (2013, p. 28) “a interpretação dos fenômenos e atribuições de significados são básicos no processo”.

Utilizando o método indutivo de abordagem e o procedimento histórico os resultados serão demonstrados de forma descritiva, partindo do levantamento de informações acerca do tema para o desenvolvimento de análises com base em publicações de autores especialistas na área e tendo em vista os desafios atuais no horizonte da alfabetização.

MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E DESAFIOS

Este artigo tem como objetivo analisar os métodos de alfabetização e assim entender como eles são desenvolvidos no processo de ensino aprendizagem. Para tanto, precisamos entender que existem várias técnicas sistematizadas para ensinar uma criança ler e escrever, e essas técnicas são chamadas de: métodos de alfabetização.

Esses métodos são utilizados para sistematizar as ações pedagógicas em prol da alfabetização de crianças, que são construídas com base em duas concepções: 1) quanto ao que é linguagem, e 2) a forma como a criança aprende. Esses métodos são escolhidos de acordo com as concepções teóricas seguidas em determinado período histórico.

Existe basicamente dois tipos de métodos de alfabetização: os **analíticos** e os **sintéticos**. Existe, ainda, a possibilidade da combinação desses dois métodos, que resultaria no método analítico-sintético, também conhecido como método misto (PARANÁ, 1990, p.33).

Quando o professor alfabetizador trabalha com os métodos sintéticos, que vão de unidades menores como: letras, sílabas e fonemas, para partes maiores como: palavras e frases, a alfabetização fica restrita ao reconhecimento das letras e de seu valor fonético com exercícios de soletração e silabação. Entende-se por método fônico ou fonético integra o conjunto dos métodos sintéticos que privilegiam as correspondências grafofônicas. Seu princípio organizativo é a ênfase na relação direta entre fonema e grafema, ou seja, entre o som e a fala escrita. Vale lembrar que foi por meio desse método que as primeiras cartilhas foram elaboradas, dando prioridade ao ensino no qual para aprender a ler, a criança deveria conhecer primeiro o nome e a grafia de todas as letras, para depois juntar essas sílabas e conhecer os sons. Esse processo acabava tornando a leitura muito fragmentada, dificultando a compreensão das crianças. Deste modo, a alfabetização por meio desses métodos priorizava os sistemas de decodificação.

Os métodos analíticos, porém, são aqueles nos quais o processo de alfabetização inicia-se por uma palavra, ou uma frase, possuindo então uma palavra-chave na qual a criança reconhece as formas silábicas, ou seja, as junções das consoantes e vogais do alfabeto. Também integra o conjunto dos métodos analíticos

o chamado “método global” que se orientam no sentido do todo para as partes. Defende que a criança percebe as coisas e a linguagem em seu aspecto global, que a leitura é uma atividade de interpretação de ideias e que a análise de partes deve ser um processo posterior”. Fonte: Glossário CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita) da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Assim, quando as crianças realizavam esse reconhecimento, entendiam que estavam alcançando os resultados esperados. Nesse método, porém, os alunos acabavam decorando as palavras por serem usados pequenos textos e palavras simples, o que impedia que os alunos aprendessem a ler de uma forma autônoma.

Para Luciana de Luca (2013.p.60):

A grande crítica era a de que, como os textos eram formados por uma pequena gama de palavras, digamos, “simples” (gato, pato, boneca, por exemplo), as crianças decoravam-nas e não aprendiam a ler. Há uma grande influência da psicologia e de técnicas de ensinar que priorizavam as habilidades de ouvir, falar e escrever, e neste contexto educacional o conceito de que as habilidades dos alunos devem ser consideradas.

Depois dos anos de 1930, foi elaborada uma junção dos métodos analíticos e sintéticos, que ficou conhecido como método misto. Essa reunião dos dois métodos permitiu a elaboração de uma cartilha que foi utilizada por uma boa parte da população brasileira que foi alfabetizada pelo método misto. Entretanto, o grande problema desses métodos mistos é que eles se mostravam ineficazes, pois os alunos que eram alfabetizados por esses métodos não conseguiam compreender o que liam e quando escreviam demonstravam muitas dificuldades em apresentar uma escrita de forma coesa, em razão da utilização das mesmas bases de alfabetização. Esse problema levou a criação do conceito de analfabeto funcional para se referir justamente aos alunos que sabendo ler e escrever, ainda possuíam muitas dificuldades para compreender o que liam. Para a autora Soares (2009, p. 2), “ninguém aprende a ler e a escrever se não aprender relações entre fonemas e grafemas, para codificar e decodificar”. Desse modo eles ficavam impedidos de fazer uso dos benefícios que a linguagem escrita podia proporcionar, facilitando suas vidas tanto no aspecto pessoal como social.

Embora essas concepções de alfabetização já fazem parte do cotidiano de nossas escolas a décadas, o processo de alfabetizar utilizando métodos mistos, possui também outros problemas por conta da fragmentação dos modelos, além

da dificuldade com o acompanhamento do processo quando não realizado adequadamente.

No ensino fundamental as discussões a respeito do fracasso escolar têm sido exatamente em torno da leitura e da escrita. Percebe-se uma grande preocupação com relação ao como está sendo realizado o ensino nessa fase da alfabetização. O que já se sabe sobre as dificuldades das escolas em ensinar os alunos a ler e escrever de forma autônoma e reflexiva por meio de pesquisas institucionais, é que, no Brasil, apenas 15% dos alunos concluem a educação básica sabendo ler e escrever (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2009). Deste modo, se o fracasso na alfabetização até meados da década de 1980, quando se usava cartilha era de ordem de 50% no 1º ano, atualmente é de 85% no 8º ano. Portanto, é possível constatar que estamos diante de uma realidade que comporta enormes desafios para os professores alfabetizadores.

Cada vez mais percebe-se a necessidade de os professores alfabetizadores optarem por desenvolver uma alfabetização de qualidade, que considere a realidade do aluno e respeite o seu modo natural a partir daquilo que ele já possui de conhecimento tanto social quanto culturalmente. Do contrário, a opção por se começar por uma unidade desconhecida torna o processo sem sentido para o educando e dificulta a alfabetização. Já, quando se parte daquilo que a criança já conhece, acredita-se que o aluno consiga realizar um conhecimento mais significativo na construção de seu processo de aprendizagem.

A prática escolar, precisa contar com um professor que crie condições para que a criança realize trocas verbais e se sinta encorajada a prosseguir diante de questões desafiadoras, ou seja, sua função é solicitar a reflexão da criança a todo momento. (NASPOLINI, 1996, p. 34).

Para o autor a ação do professor é de extrema relevância no processo de construção do conhecimento do aluno. Não basta ensinar, mas é preciso acompanhar adequadamente como está acontecendo a aprendizagem. Desta forma, será possível perceber se sua abordagem ou se sua técnica está sendo aplicada de acordo com as necessidades dos alunos. Para o professor alfabetizador é imperativo que sua prática seja criativa, possibilitando que o aluno seja incentivado a solucionar questões desafiadoras, que o motivem para novos aprendizados. Um outro conceito que está ganhando força na educação é o Letramento, que foi empregado pela primeira vez no

Brasil, em 1986 (Kato, 1987, p.27). Podemos entender que é a condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas consegue realizar práticas que exercem a escrita.

Em breves palavras, podemos afirmar que o conceito de alfabetização está contido no do letramento, o que equivale a dizer que letrar é alfabetizar com sentido e que letramento é, de certa forma, o contrário de analfabetismo (SOARES, 1998, p. 25).

Quanto ao conceito de letramento, a preocupação que se deve ter é que a criança mesmo alfabetizada possua condições de se apropriar da escrita, para formar alunos que sejam leitores e produtores de textos, de acordo com sua idade e seus conhecimentos. “A alfabetização inserida em uma prática de letramento implica contextualização”, segundo a autora LUCIANA (2013, p.80), onde a criança por meio das práticas sociais de leitura e escrita é apresentada a língua de seu país, que por meio desse instrumento social, poderá proporcionar qualidade de vida nos indivíduos que assim se apropriar desse meio de aprendizagem. Ainda com relação a esse meio de conhecimento, o PCN de Língua Portuguesa observa:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (Brasil, 1997b, p. 21)

Sendo assim é importante que os educadores estejam inserindo em suas práticas educacionais conceitos do cotidiano das crianças, para melhor relacionarem suas vidas com as práticas sociais de leitura e escrita, e que essas atividades didáticas estejam de igual modo atrelado a cultura dos alunos, para que possam saber fazer uso desse instrumento de aprendizagem, tanto para leitura, escrita ou como forma linguística, se apropriando desses benefícios proporcionados pela construção do conhecimento, no qual o professor alfabetizador é o que irá contribuir para essa construção, o professor como mediador dessa aprendizagem pode ajudar o aluno compreender que seus erros também faz parte do processo de conhecimento, e que todo esse processo de

alfabetização/letramento não estará sozinho mas poderá contar com a ajuda e a colaboração do professor no processo de aprendizagem.

Uma das dificuldades da alfabetização está relacionada com o fato de a criança não compreender os seus erros e acertos e, por consequência, “bloquear” seu aprender, por medo de errar. Nesse sentido, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), propuseram uma modificação nas concepções que tinham foco no “como ensinar”, para focalizar o “como aprender”. O centro de suas preocupações era perceber como as crianças aprendiam, e quais mecanismos eram utilizados por elas até chegarem a uma escrita convencional. Assim, foi retirado da escola e do professor o monopólio da alfabetização voltando-se a prática para o ser que aprende.

Percebe-se assim, que o modelo de alfabetização, quando realizado de forma mecânica dificulta a reflexão do aluno impossibilitando-o de interiorizar o conhecimento. Dessa maneira ele não pode ser considerado um sujeito intelectualmente ativo no processo de alfabetização.

Um sujeito intelectualmente ativo não é um sujeito que “faz muitas coisas”, nem um sujeito que tem uma atividade observável. Um sujeito ativo é um sujeito que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula, comprova, formula hipóteses, reorganiza etc., em ação interiorizada (pensamento) ou em ação efetiva (segundo seu nível de desenvolvimento). Um sujeito que está realizando algo materialmente, porém, segundo as instruções ou o modelo para ser copiado, dado por outro, não é, habitualmente, um sujeito intelectualmente ativo. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 29)

Então, a partir dessa concepção, percebe-se que para o aluno ser considerado alfabetizado ele precisa pensar e agir, e não apenas decodificar códigos de forma mecânica. Ora, até então eram os estudantes eram ensinados a repetir exercícios, o que levava a uma alfabetização de decodificação, e não ao entendimento do que liam.

Portanto, reconhecemos que para se chegar a um resultado satisfatório, da compreensão do educando, faz-se necessário a mediação do professor alfabetizador. Esse professor precisa ter consciência de que não basta apenas ensinar, mas compreender que é preciso ir além, considerando aquilo que o aluno já possui de conhecimento, sua história de vida, sua condição sociocultural a fim de estimular a aprendizagem com autonomia. A ação do professor será desta forma intencionalmente educativa.

O professor é o mediador entre o conhecimento sociocultural presente na sociedade e o aluno. Sendo o processo de ensino aprendizagem constituído na interação, o professor está atento e aberto às dúvidas, impasses, curiosidade, formulando sínteses, discutindo significados e ultrapassando

Quando o trabalho educacional é desenvolvido nessa perspectiva, o aluno sente que poderá desenvolver um diálogo com o professor e que não terá problema em querer tirar suas dúvidas. O estudante não se sentirá coagido por um sistema educacional que bloqueia sua criatividade e impede que sua imaginação seja explorada. Além de ser uma atitude coerente, o professor poderá desenvolver relações e interações diferenciadas com seus alunos.

Nesse sentido, suas ações e intenções precisam estar voltadas para uma educação formativa, com vistas à formação de cidadãos críticos e reflexivos, e não apenas centradas na necessidade de passar várias informações que muitas vezes não são significativas para os educandos. É essa interação realizada com o outro é de extrema relevância para o desenvolvimento da criança, que é um ser histórico e social e constrói sua individualidade a partir das interações com os outros. A ideia é de incluir a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo de ensino aprendizagem, “incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas” (OLIVEIRA, 1993, p. 56).

Dessa forma, o professor deixa de ser o dono do saber e passa a ser o mediador do processo da construção do conhecimento, permitindo que essa construção aconteça em uma forma de troca, que proporciona um processo contínuo de aprendizagem. Quando se estabelece essas relações cria-se um ambiente adequado e agradável para o desenvolvimento desse aluno. Essa interação contribui para o desenvolvimento do que se pode chamar de “escuta sensível”.

Um escutar/ver, [...], a escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir os universos afetivos, imaginários e cognitivos do outro para compreender do interior as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos ou à existencialidade interna da própria linguagem (BARBIER, 2004, p. 94).

Este escutar/ver facilitará a compreensão de quem ensina, pois terá um conhecimento prévio dos seus educandos. Assim, a partir do momento que o professor abre espaço para o diálogo, não somente falando, mas também ouvindo o que o outro tem a dizer, quais são suas dúvidas, possibilita que esse ambiente de aprendizagem esteja propício para que o educando possa expressar suas ideias sem medo de ser punido ou de sofrer qualquer tipo de constrangimento.

O principal é conversar com a criança, falar com ela, e não somente “falar para ela”. Porque estabelecer uma diferença entre “conversar/ falar com” e “falar para”? com o intuito de diferenciar, entenderemos “conversar com alguém”, como sendo interação, olhar no olho, estar disposto a ouvir seus argumentos, contra-argumentar, provocar reflexões (LUCIANA DE LUCA, 2013, p. 32).

Saber conversar é permitir que o outro fale, saber ouvir o que o outro tem a dizer. Somente quando a criança sente confiança no outro é que irá desenvolver a socialização. O ambiente escolar é pensado justamente com esse propósito. É preciso que o professor esteja consciente de que se trata de um lugar onde irá acontecer diversas transformações na vida do aluno. Porém, nem sempre isso é levado em consideração por parte dos profissionais da educação quando desconhecem o que cada criança já traz de conhecimento, o que deveria representar parte do processo de aprendizagem, pois a aprendizagem na escola não parte do vazio. Como ressalta Napolini (1996, p. 189):

O desenvolvimento do homem se inicia com o nascimento sendo assim, quando a criança chega à escola já percorreu um longo caminho, tanto no desenvolvimento quanto na aprendizagem. Portanto, a aprendizagem na escola não começa no vazio.

Cada criança traz um conhecimento a respeito do seu cotidiano, da sua vida social, de sua cultura, seus costumes. Assim, o professor precisa estar consciente de que cada criança chega à escola com um conhecimento de acordo com sua condição socioeconômica, pois, cada um possui sua particularidade, sua individualidade.

Um professor que esteja atento às necessidades dos seus estudantes, irá acompanhar cada etapa de seu desenvolvimento educacional. O que podemos realizar para o futuro da educação muitas vezes é determinado por aquilo em que acreditamos e nos empenhamos. Precisamos investir em formação e saber desenvolver estratégias que contribuam para a qualidade do ensino, contribuindo para que alcancemos resultados cada vez melhores na educação em geral e principalmente nos anos iniciais da alfabetização.

A inserção cada vez maior de várias tecnologias no ambiente educacional reforça a necessidade de que o professor busque inovar suas práticas com o uso desses recursos despertando em seus alunos o interesse em aprender. Assim, todos podem ser beneficiados tanto o professor que vai se aperfeiçoando suas práticas educacionais, pois a educação é um processo contínuo de aprendizagem, como o

aluno, que estará diante de uma aprendizagem significativa, interessante e que realmente irá fazer diferença para ele.

Estamos diante de um grande desafio, com o advento da pandemia houve a necessidade de adotar um novo modelo de ensino, com “aulas remotas”, ou seja, aula na modalidade a distância com afastamento social. Este fato, ainda precisará ser pesquisado. Mas estamos diante de uma mudança que tanto poderá gerar desinteresse nos alunos em razão da falta da presença física do professor, acompanhando o desempenho dos estudantes, como proporcionar inovações no processo de ensino/aprendizagem. Nesse sentido, um dos principais desafios para o professor alfabetizador é saber como despertar no aluno o interesse e a vontade de aprender.

Com o volume de recursos tecnológicos disponíveis hoje, diante de uma realidade em constante mudança, o professor precisa estar atualizado. Com o avanço tecnológico é possível utilizar vários recursos para desenvolver uma aula envolvente e produtiva. Dentre esses recursos, temos a mesa interativa, o quadro interativo, *tablets*, *smartphones*, entre tantos outros que podem ser usados para que a aula, independente da modalidade, seja dinâmica e interessante. Porém é necessário que os professores sejam criativos, estudem, pesquisem, reinventem suas práticas educacionais.

Não obstante à desigualdade gritante que é uma das marcas profundas da história do nosso país, é preciso tomar consciência da urgência da necessidade de valorização dos professores, que precisam de condições dignas e recursos adequados para realizar seu trabalho com maestria. Não se trata de repetir os erros do tecnicismo e colocar a centralidade do processo nas tecnologias, métodos e recursos utilizados, mas evitar um aprofundamento ainda maior dessas condições desiguais. É preciso reconhecer que o momento histórico demanda mudanças e a utilização de recursos para que a oferta de educação escolar seja desenvolvida com os desafios de nosso tempo.

Mesmo em aulas não presenciais é possível estabelecer comunicação com os alunos que estão do outro lado da tela. Sabendo utilizar com criatividade os recursos disponíveis os professores contribuirão de forma significativa para a formação dos estudantes. Não faz mais sentido, por exemplo, restringir o uso de aparelhos eletrônicos dentro da sala de aula, como até pouco tempo ocorria.

Com o advento da pandemia de covid-19, houve a necessidade de adotar medidas de isolamento e distanciamento social, com essas prevenções o sistema educacional precisou adaptar novas metodologias e toda mudança aconteceu de forma rápida, e a tecnologia possibilitou para que houvesse essa mudança, pois os quadros tiveram que ser substituídos pelas telas e pelos aplicativos digitais, tanto professores quanto alunos se depararam com um novo formato de aula, onde os professores gravam vídeos com conteúdo da disciplinas, e se viram diante da necessidade de criar canais próprios em redes sociais, mudar o jeito das avaliações. Esse novo modelo de aula remota exige do aluno mais autonomia para o estudo já que não tem o professor cobrando por atividades realizadas, o próprio aluno precisa se adaptar e manter a disciplina para que consiga acompanhar os conteúdos que são passados online, o que exige da família apoio e a colaboração para o desempenho do aluno nesse novo modelo de aprendizagem realizada pela internet, por mais que seja diferente e possua seu grau de dificuldade para os alunos estudarem dessa forma, pois muitas são as dificuldades que devemos superar neste momento pandêmico, e, este tema: Alfabetização e Letramento, está diretamente ligado ao futuro da presente geração:

Segundo os vários teóricos, existe uma faixa etária adequada e mais propícia para se alfabetizar e letrar um sujeito, infelizmente, nem sempre observada, por diferentes motivos e razões. Desde problemas de saúde, econômicos e até sociais, não são poucas as situações vivenciadas por algumas pessoas, que impedem sua alfabetização e letramento na idade recomendada. Haja vista a grande quantidade de analfabetos ainda existente no mundo, e particularmente também no Brasil.

A grande preocupação é como alfabetizar crianças que não possuem condições de acompanhar aulas online, por não poder contar com instrumentos tecnológicos e nem com a presença de um professor particular, e mesmo as que podem acompanhar as aulas online sem a presença de um professor que oriente acaba tendo grandes dificuldades em conseguir um resultado eficaz, embora muitos pais, ou outros familiares, que podem ajudar seus filhos no desenvolvimento da aprendizagem estão comprometidos nesta tarefa. São situações que até pouco tempo não nos preocupava, porém com a pandemia que aconteceu muito rápido nos obrigou adotar essas medidas no modelo educacional, que esperamos não trazer grandes

prejuízos para educação, mas trazer uma conscientização de que é preciso nos adaptar com os novos métodos de alfabetização.

A necessidade de alfabetizar e letrar as crianças na faixa etária adequada é um problema que está posto diante de cada educador comprometido com a missão de alfabetizar. Independente de usar um método específico ou não, o importante é que as crianças possam entender o que lerem e escrever o que entendem, e esse momento nos traz a oportunidade de pensar em possibilidades de colaboração, de solidariedade para vencermos essa crise. Somente assim sairemos dessa crise sem muitos prejuízos para educação.

Agora estamos diante de uma realidade na qual esses recursos se tornaram ferramentas necessárias para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça e para que a oferta de escolarização seja possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar os métodos de alfabetização sem ter a pretensão de esgotar o assunto. Buscou-se uma compreensão dos métodos de alfabetização aplicados ao longo da história e que vem sendo adaptados para que sejam alcançados resultados mais significativos no processo educacional. Ao pesquisar sobre esses métodos percebeu-se que nem sempre estavam de acordo com a realidade do aluno, além do fato de alguns apresentarem complicações para o entendimento dos educandos que foram alfabetizados por meio desses métodos.

Não obstante a essas contradições, é possível afirmar a possibilidade de se alcançar resultados positivos no processo de alfabetização com o desenvolvimento de práticas educacionais nas quais o aluno possa ser ouvido. A comunicação nesse processo é uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento, a transformação e a libertação desse sujeito, que chega na escola com um conhecimento prévio de mundo. Assim, para que essas mudanças significativas aconteçam no processo educacional se faz necessário que as ações do professor sejam voltadas para as necessidades dos alunos.

Deste modo, refletimos sobre um processo de alfabetização no qual o aluno conte com o apoio necessário e o estímulo de um professor bem preparado, estabelecendo diálogo e transmitindo segurança. Assim, não obstante a todas as

contradições que marcam o trabalho dos professores alfabetizadores no Brasil, no desenvolvimento desse processo o estudante precisa contar com o auxílio de profissionais comprometidos com o ensino/aprendizagem e a formação integral do ser humano.

Assim podemos perceber que toda forma de ensino está continuamente passando por um processo de reestruturação. Ao menos no plano do discurso o objetivo dessas mudanças é proporcionar maior qualidade no processo de aprendizagem, ainda que nem sempre isso ocorra. Tratou-se também da necessidade de não se restringir apenas a único método de alfabetização, mas de buscar alternativas para que os estudantes se sintam estimulados a aprender, quanto os professores a ensinar.

A utilização de métodos para alfabetização é o resultado de concepções, práticas, estudos que embasam diferentes formas aplicadas atualmente. Nesse processo, uma das principais preocupações é saber se a criança está desenvolvendo sua compreensão quanto a forma de como funciona o sistema alfabético e de como usá-lo em momentos reais de comunicação.

No estudo sobre a aplicação de métodos de alfabetização ao longo da história foi possível compreender que por mais que a técnica de ensinar a ler e escrever parecesse ser a melhor forma sistematizada para compreensão do aluno em alguns momentos, ela não era suficiente para que o aluno chegasse a um estágio pleno de aprendizagem.

Ressaltou-se que a ênfase em certos métodos e na aplicação de determinadas técnicas com a conseqüente desconsideração da realidade do estudante provoca um distanciamento, prejudica a comunicação professor e aluno e impede a concretização plena do processo de alfabetização ou vai muito além da simples aquisição de um conjunto de sinais gráficos e seus sons.

Alfabetizar possui um significado muito maior. O aluno que está sendo alfabetizado precisa ser cuidadosamente acompanhado no seu desenvolvimento, o que demanda preparação, estrutura e condições dignas de trabalho para os professores alfabetizadores. É muito importante que o ambiente no qual o aluno se encontra proporcione condições favoráveis de aprendizagem para o estabelecimento de relações que contribuam para que a criança avance em seu processo de aprendizagem construindo conhecimentos que contribuam para sua formação humana numa perspectiva integral.

REFERÊNCIAS

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

CURCIO, Ítalo. **Alfabetização e letramento em tempo de pandemia**. Ecodebate, 2021. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2021/02/10/alfabetizacao-e-letramento-em-tempo-de-pandemia/>>. Acesso em: 23, fev. 2021.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

JUSTINO, Marenice Natal. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docente**. 1º edição, Curitiba: Intersaberes, 2013.

IPM – INSTITUTO PAULO MONTENEGRO Indicador de analfabetismo funcional. Disponível em: http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.00.00.00&ver=por. Acesso em: 19 dez. 2020.

KATO, M. **No Mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1987.

KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática. 2001.

NASPOLINI, A. T. **Didática do português: tijolo por tijolo – leitura e produção escrita**. São Paulo: FTD, 1996.

OLIVEIRA, M. K. de. **Aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo básico para a escola pública do Estado do Paraná**. Curitiba: Seed, 1990.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.